Vol. III, N. 15 — pp. 221-228 25-VI-1943

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOTAS SOBRE OPILIõES

por
B. M. SOARES

I I

Uropachylus ypiranga (Melo-Leitão, 1922)

Ypiranga ypiranga MELO-LEITÃO, Ann. Mag. Nat. Hist. ser. 9 vol. IX, 1922 pp. 331-332; Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro 24, 1923, p. 121, fig. 7; Rev. Mus. Paulista XVII, 2.a parte, 1932, p. 210, fig. 121; ROWER, Abh. Natur. Ver. Bremen XXVII, 1928, pp. 232-233, fig. 21.

Japyra regularis MELO-LEITÃO, Mem. Inst. But. 8, 1934, p. 411, fig. 2.

Cercopachylus fragilis PIZA, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo III, 1943, p. 54, fig. 9

Possue o Departamento de Zoologia um macho, número 468, que é o tipo de *Ypiranga ypiranga* M. L., 1922, cujo habitat é a Capital do Estado de São Paulo (Ipiranga).

Recebí de Mogí das Cruzes e de Guarulhos, coligidos respectivamente pelo sr. J. L. LIMA e Pe. F. S. PEREIRA, vários machos de opiliões da subfamília *Pachylinae*, que identifiquei como sendo *Japyra regularis* M. L., 1934, sem dificuldade alguma. Da Capital de São Paulo tambem recebí vários machos da mesma espécie, coligidos em Pacaembú, pelo sr. H. BRANDÃO. Eu mesmo havia, antes de começar a trabalhar com opiliões, apa-

nhado em Pacaembú duas fêmeas de *Pachylinae*, que cedí ao Prof. TOLEDO PIZA para determinação, de que resultou a sua espécie *Cercopachylus fragilis* Piza, 1943.

Estudando todo este material em conjunto, pude, pela comparação das supostas espécies, concluir que se trata apenas de um gênero e de uma única espécie, devendo *Japyra regularis* M. L. e *Cercopachylus fragilis* Piza ser considerados sinônimos de *Ypiranga ypiranga* M. L..

Vejamos como conseguí chegar a estas conclusões. Como já me referí, determinei os machos de *Pachylinae* procedentes de Mogí das Cruzes, Guarulhos e Pacaembú como *Japyra regularis* M. L.. Creio que não há dúvida quanto a esta determinação, pois há perfeita coincidência com a diagnose, mensuração e ilustração originais, muito bem figuradas pelo Prof. MELO-LEITÃO.

Estudando o material determinado das nossas coleções, tive a oportunidade de examinar o tipo *Ypiranga ypiranga* M. L. Logo me ocorreu, então, a identidade entre esta espécie e *Japyra regularis* M. L., que, há dias, havia determinado. Pela comparação ví que, de fato, tratava-se de uma única espécie. Constatei tambem que o tipo de *Ypiranga ypiranga* M. L. apresenta, como *Japyra regularis* M. L., as áreas I e II inermes e não com um par de tubérculos, como se lê na descrição original e se vê nas ilustrações. O que vejo no tipo de *Ypiranga* Melo-Leitão são dois grânulos de cada lado do sulco mediano na área I e dois grânulos medianos na área II, mas, de fato, grânulos, e não tubérculos, os mesmos grânulos que o Prof. MELO-LEITÃO observou em *Japyra regularis* M. L. e que, apesar disso, não considerou armada de tubérculos nas áreas I e II. O fato é que, em todos os exemplares que possuo, não houve um caso em que fosse levado a considerar as áreas I e II armadas, porque os grânulos aí se mantiveram muito pequenos, iguais aos outros da área. Acho muitíssimo provavel que estes grânulos medianos formem um par de tubérculos pequenos em certos indivíduos, mas isto não observei

nem mesmo no tipo *Ypiranga* Melo-Leitão, a não ser considerando a sua posição mediana e atribuindo-lhes o valor de tubérculos por este motivo.

Surpreendi-me de que, entre tantos exemplares examinados (três séries) não viesse uma fêmea. Procurando-a entre o material recebido dessas localidades (Mogí das Cruzes, Guarulhos e Pacaembú), não a encontrei. Lembrei-me então das fêmeas que há tempos havia cedido ao Prof. PIZA, e por mim coligidas em Pacaembú. São o tipos de *Cercopachylus fragilis* Piza, que se acha depositado neste Departamento. Colocando a fêmea-tipo ao lado de um macho, apesar do dimorfismo sexual, não pude deixar de concluir que se trata da fêmea procurada. Hesitei em fazer o acassalamento, porque ela apresenta os tarsos I com 5 artículos, ao passo que os machos possuem 6. Um dos machos, porem, possue os tarsos I de um lado com 5 e do outro com 6 artículos, o que me levou a crer, mais uma vez, que, se bem que raras vezes, o número de artículos dos tarsos I, tomado como carater genérico, pode falhar.

Cercopachylus Piza, 1940, só difere de *Japyra* Melo-Leitão, 1934, pelo número de artículos dos tarsos I (5 no primeiro e 6 no segundo). Sendo este número variavel, cinco ou seis, não haverá mais diferença entre estes gêneros, sendo *Cercopachvlus* Piza sinônimo de *Japyra* Melo-Leitão. Tambem não há diferença entre *Ypiranga* Melão-Leitão e *Japyra* Melo-Leitão, uma vez que os genótipos são da mesma espécie, tendo sido naquele os grânulos medianos das áreas I e II considerados como tubérculos. Com o gênero *Uropachylus* Melo-Leitão, 1922 se dá o seguinte: "MELO-LEITÃO considera-o como tendo a área I provida de um par de tubérculos. Examinando o genótipo, depositado neste Departamento, verifiquei que não há razão para considerar essa área armada de dois tubérculos; ela é inerme e provida de dois grânulos medianos." Sendo assim, *Ypiranga* Melo-Leitão se torna sinônimo de *Uropachylus* Melo-Leitão, pois este tem prioridade de página.

Em suma, *Uropachylus* Melo-Leitão, 1922 = *Ypiranga* Melo-Leitão, 1922 = *Japyra* Melo-Leitão, 1934 = *Cercopachylus* Piza, 1940. Note-se que *Uropachylus striatus* M. L., 1922 é muitíssimo afim de *Uropachylus ypiranga* (M. L., 1922), sendo sua separação, mesmo por comparação, delicada, pois o tipo se acha completamente descolorido. É provavel que não haja diferença entre estas duas espécies, apenas *Uropachylus striatus* M. L. seja mais jovem; por ora nada posso adiantar. A questão é coligir maior quantidade de fêmeas das localidades em que foram encontrados os tipos e estudar as variações da espécie. Aproveito a oportunidade para retificar a procedência de *Uropachylus striatus* M. L., que o autor da espécie diz ser Pinheiro, Estado do Rio de Janeiro, ao passo que no catálogo original deste Departamento ela está registada como sendo Pinheiros, Estado de São Paulo. A procedência vem a favor da minha suposição da coespecificidade de *Uropachylus striatus* M. L. e *Uropachylus ypiranga* (M. L.), ambas da Capital do Estado de São Paulo. É interessante observar que outra espécie, de que só se conhece o macho, *Uropachylvs antophilus* (M. L.. 1926) tambem provem da Capital do Estado de São Paulo (Jardim da Aclimação).

O exame posterior do genótipo de *Japyra* Melo-Leitão, *Japyra regularis* M. L., 1934 — veiu confirmar minhas conclusões.

Discocyrtoides violaceus Melo-Leitão, 1923.

Discocyrtoides violaceus Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac. 24, p. 131, fig. 13; Rev. Mus. Paul. XVII, 2.ª parte, 1932, p. 230; Roewer, 1929, Abh. Nat. Ver Bremen Bd. XXVII, pp. 271-272, fig. 40.

Discocyrtoides ypirangae Melo-Leitão, Arq. Mus. Nac., 24 1923, p. 132; Rev. Mus. Paulista XVII, 2.ª parte 1932, p. 229; Roewer, 1929, Abh. Natur. Ver. Bremen Bd. XXVII, p. 272.

Despirus ustus Melo-Leitão, Mem. Inst.. But. 11 1937, pp. 287-288, fig. 9; Piza, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, III, 1943, p. 51.

Despirus piracicabensis PIZA, Folia Clinica et Biologica X, 1938 n. 4, São Paulo, p. 121,fig. 7; Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, p. 52, 1943, vol. III.

Nas coleções deste Departamento existe o seguinte material, que serviu de base para o estudo de que resultou a identidade das espécies supra assinaladas:

Discocyrtoides ypirangae M. L., 1923 — 10 exemplares. Tipos. Ipiranga, Estado de São Paulo (Capital).

Discocyrtoides violaceus M. L., 1923 — 2 exemplares. Tipos. Rio Grande, Estado de São Paulo.

Despirus piracicabensis PIZA, 1938 — 21 exemplares. Topótipos. Ilha das Flexas, Piracicaba, Estado de São Paulo. PIZA det.

Despirus ustus M. L., 1937 — 6 exemplares. Mogi das Cruzes, Estado de São Paulo. PIZA det.

Longiperna concolor (M. L., 1923). — 1 exemplar. Tipo. Alto da Serra, Estado de São Paulo.

Discocyrtoides violaceus M. L., 1923 — 38 exemplares. Ipiranga, Estado de São Paulo (Capital). SOARES det..

Discocyrtoides violaceus M. L., 1923 — 11 exemplares. Amparo, Estado de São Paulo. SOARES det..

Discocyrtoides violaceus M. L., 1923 — 4 exemplares, Guarulhos, Estado de São Paulo. SOARES det..

Discocyrtoides violaceus M. L., 1923 — 10 exemplares. Mogi das Cruzes, Estado de São Paulo. SOARES det..

TOTAL: 105 exemplares.

Em primeiro lugar, os gêneros *Despirus* Roewer, 1929, *Longiperna* Roewer, 1929 e *Discocyrtoides* Melo-Leitão, 1923 devem ser fundidos num só, que será *Discocyrtoides* Melo-Leitão, o mais antigo. Este gênero poderá doravante apresentar as áreas I e II inermes ou com um par de tubérculos; no mais, de acordo com a diagnose original. Fui obrigado a fazer esta fusão porque, dentro da mesma espécie, há espécimes com área I inerme, II inerme, III com dois espinhos; I-II com um par de tubérculos, III com dois espinhos; I com dois tubérculos, II inerme, III com dois espinhos.

Comparando os tipos de *Discocyrtoides ypirangae* M. L. com os exemplares de *Despirus ustus* M. L., determinados pelo Prof. PIZA e provenientes da mesma localidade em que foi coligido o tipo, e com os topótipos de *Despirus piracicabensis* Piza, pude constatar que se trata de uma única espécie, o que veiu confirmar meu ponto de vista quanto à identidade dos gêneros *Discocyrtoides* Melo-Leitão e *Despirus* Roewr. Tive oportunidade de verificar que a côr e a distribuição dos grânulos variam com os indivíduos da mesma localidade.

Julgo *Discocyrtoides ypirangae* M. L. tambem sinônimo de *Discocyrtoides violaceus* M. L., pelas seguintes razões: 1) Dentro da série de exemplares apanhados em Ipiranga, há indivíduos com uma ou duas séries de grânulos nas áreas V e laterais; 2) A côr violácea se mostra discretamente em todos os exemplares de Ipiranga e muito evidentemente nos espécimes coligidos em Amparo; 3) Os tipos de ambas espécies coincidem. Cheguei a princício a supor que fossem espécies muito afins, porem destintas. O exame dos 105 exemplares, comparativamente, é que me levou à conclusão de que é possivel separá-las em espécies. Acho possivel que ainda se venha a criar uma subespécie para *Discocyrtoides violaceus* M. L., após o exame de material abundante de várias regiões. O que mais me chamou a atenção foi um macho número E. 18 C. 380, coligido em Amparo, que é intermediário entre os supostos *Discocyrtoides violaceus* M. L. e *Discocyrtoides ypirangae* M. L. típicos, bem como uma fêmea número E. 522 C. 414, coligida pelo autor em Ipiranga, que se mostra em condições semelhantes às do referido macho. Em suma, *Discocyrtoides violaceus* M. L., 1923 = *Discocyrtoides ypirangae* M. L., 1923 = *Despirus ustus* M. L., 1937 = *Despirus piracicabensis* Piza, 1938. Apesar de ter examinado as duas séries que serviram de base para o Prof. PIZA separar *Despirus ustus* M. L. e *Despirus piracicabensis* Piza, nas quais de fato era possivel essa separação, diante das séries que possuo isto não é mais possivel.



Posteriormente tive a oportunidade de examinar o tipo de *Despirus ustus* Melo-Leitão, 1937.

ABSTRACT

I) The author proposes the fusion of *Cercopachylus* Piza, 1940, *Japyra* Melo-Leitão, 1934, and *Ypiranga* Melo-Leitão, 1922, with *Uropachylus* Melo Leitão, 1922, and considers *Cercopachylus fragilis* Piza, 1943, *Japyra regularis* M. L., 1934 and *Ypiranga ypiranga* M. L., 1922 as coespecific.

II) He also proposes the fusion of *Despirus* Roewer, 1929, and *Longiperna* Roewer, 1929, with *Discocyrtoides* Melo-Leitão, 1923, and considers *Despirus piracicabensis* Piza, 1938, *Despirus ustus* M. L., 1937, and *Discocyrtoides ypirangae* M. L., 1923, as synonymous with *Discocyrtoides violaceus* M. L., 1923.


cm 1 2 3 4 5 6
SciELO
10 11 12 13 14 15